

**DARKVISION**

APRESENTA

UM CONTO DE NATAL

# DARK

LUZINHAS AMARELAS

**PAULA FEBBE**



DarkSide® Entretenimento Ltda.

**DARKSIDE**

**TERRORBR**

©2022





**DARKVISION**  
APRESENTA

UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

**PAULA FEBBE**

# LUZINHAS AMARELAS

**PAULA FEBBE**

Hoje Alfredo ia morrer. Ele sabia. Pelo menos durante aqueles poucos minutos em que retomava alguma consciência sobre alguma coisa de algum lugar. Pois era assim, sempre tinha sido assim. Papai Noel existe para tirar a vida de quem está morrendo, e esse é o presente, afinal alivia os moribundos e as dores de quem está do lado. É como tem que ser. Tradição.

E faltava pouco. Este ano, Alfredo estava sofrendo com uma tosse teimosa e havia tido resultados péssimos nos exames. Disso ele não havia esquecido. Ainda mais nesta época.

Na tv do asilo, ficavam claros os preparativos: jornalistas davam notícias, tensos e chorosos, pela provável perda próxima de alguém que amavam ou deles mesmos, pessoas corriam e se trancavam em suas casas com alguma esperança de escapar, a mulher do Keith Richards o embrulhava, mais uma vez, em plástico bolha.

Nos hospitais, o clima usual de pavor. Segurança redobrada. Tudo para tentar interromper o finalmente dos que já estavam quase. Às vezes, os funcionários achavam que se trancassem a porta de um jeito novo, com a fechadura de última geração ou a tranca com reconhecimento facial, talvez ele não entrasse, mas claro que entraria. Papai Noel sempre encontrava um jeito. Era especialista em arrombar as casas, hospitais, asilos e fazer chacinas sem que ninguém soubesse como. Quando se davam conta, já tinha acontecido. Era rápido, um atirador de elite, apesar de gostar um pouco demais do que fazia. Tanto que sua roupa começava branca, mas no decorrer da noite, o vermelho tomava conta. E a bota? Ah, a bota guardava um belo coldre e uma faca de caça pra quem fosse teimoso.

Poderíamos pensar que o tempo já teria feito com que as pessoas se conformassem com o fim que logo chegaria, mas não tinha jeito. Quase ninguém se conforma com a possibilidade da própria morte, só mesmo com a morte dos outros, exceto pelos suicidas. E mesmo esses levavam um empurrãozinho de Natal do dono da noite.

Outro *job* do bom velhinho era passar atirando nas ruas, selecionando os que sofriam para encherem os pulmões dos que respiravam com facilidade. Ao ar livre, ele gostava mais. Podia usar a .12 sem que o tranco o fizesse bater em móveis mal distribuídos de casas mal decoradas.

Muitas vezes matava nas ruas enquanto o caminhão da Coca-Cola iluminado de luzes amarelas passava por ele, e o ônibus da cidade, também brilhante, tocava “Jingle Bells”. Até mesmo tinha matado vários desses motoristas de ônibus no decorrer dos anos. Ele gostava. Se sentia acolhido com a forma como a textura do sangue se iluminava com as luzinhas colocadas especialmente para ele.

Papai Noel era bom em saber das dores alheias. Até quem estava com câncer avançado e não sabia, levava uma bala. Cirrose? Adeus! Se tivesse perto de enfartar, *au revoir*. Então, se alguém não tivesse feito o check-up no ano, pode ter certeza que teria receio de ser liquidado no Natal. Essa é a beleza da morte. A gente nunca sabe quando vem.

Ele também não poupava crianças, não. Se alguma tivesse muito doente, dava tchau a este mundo bem ao lado dos pais. Também não deixava que animais escapassem. Nos dois casos, não existia o medo; nem mesmo por alguma associação sabiam que iam morrer. Não sentiam. Ter o Papai Noel por perto é sempre uma coisa boa.

Como não podia deixar de ser, na meia-noite do dia 24 de dezembro para 25, o bom velhinho entrou no asilo em que Alfredo estava. Iluminado pelo pisca-pisca, envolto pela musiquinha que saía do Papai Noel dançante *Made in China*, segurando uma escopeta de plástico, avisou Alfredo que o viu também.

Depois de apagar três ou quatro velhinhos que estavam no caminho, com uma pistola Beretta 92 X, Papai Noel atirou na cabeça do idoso, sem hesitar. Foi mais rápido até do que a última visita que o filho havia feito ao homem. O vermelho e o rosa se misturaram na parede fazendo uma arte digna de um Pollock... da desgraça.

Nessa hora, os funcionários e pacientes do asilo já estavam desesperados e escondidos, tentando se salvar. Agora era cada um por si. Sabiam que “Santa” era implacável.

Não era por menos que, desde pequeno, Alfredo tinha tido medo do Natal. Sabia o que era estar na pele de quem antecipava a vinda do Papai Noel, mas nunca tinha achado que estava para morrer. Bom, não era o caso agora.

E Noel era pessoal. Matava cada um com a mesma precisão e com a mesma atenção. Nada era assim, de qualquer jeito. Ele tinha uma lista e a seguia à risca, afinal era único no seu trabalho e matava da melhor maneira que alguém é capaz de fazê-lo. O curioso é que, logo antes de morrer, Alfredo lembrou de tudo que não lembrava há muito tempo. A tensão de ter a arma colada à sua têmpora, sem fogo, durante um segundo, fez com que recordasse de seus amores, do cheiro de sua casa preferida, do prêmio que havia ganhado como melhor vendedor de seguros do ano, do rosto de seu filho assim que nasceu, de quando ganhou seu cachorrinho de infância, do aconchego que sentia no abraço de sua mãe, dos cuidados de seu pai, de seu casamento — quando ainda achava que sua ex-esposa o havia amado —, lembrou das notas boas

que tirou na escola e dos momentos em que foi expulso da sala, lembrou das melhores comidas que provou e das vezes em que ficou bêbado demais. Lembrou de quando viajou e sentiu a neve em seu rosto pela primeira vez. Lembrou dos outros Natais, em que não morreu. Lembrou que tinha vivido, apesar do agora. Lembrou de tudo o que tinha visto, antes dos seus olhos fecharem pra sempre. Antes de nunca mais piscar.

Cheio de lágrimas e voz chorosa, Alfredo disse baixinho:

— Obrigado, Papai Noel.

A última luzinha amarela que viu foi do disparo da arma perto de seu olho.

POW

(POLLOCK)

Quase silêncio completo, não fosse a musiquinha vagabunda de Natal.

**PAULA FEBBE** sabe o que você esconde e escreve sobre isso. Autora de *Mãos Secas com Apenas Duas Folhas*, *Metástase*, *Cartas no Corredor da Morte* e *Carniça*, a também psicanalista e roteirista premiada é autora do livro *Vantagens que Encontrei na Morte do Meu Pai*, lançado pela DarkSide® Books em 2021.





UM CONTO DE NATAL  
**DARK**  
DARKSIDE

[DARKSIDEBOOKS.COM](http://DARKSIDEBOOKS.COM)